

En Machado, Otávio Luiz., *Presença das juventudes pernambucanas*. Recife-PE (Brasil): Livro Rápido.

Violência nas escolas: como pensar em juventude, democracia, direitos humanos e cidadania sem se preocupar com tal questão?.

Machado, Otávio Luiz.

Cita:

Machado, Otávio Luiz. (2010). *Violência nas escolas: como pensar em juventude, democracia, direitos humanos e cidadania sem se preocupar com tal questão?.* En Machado, Otávio Luiz. *Presença das juventudes pernambucanas*. Recife-PE (Brasil): Livro Rápido.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/32>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/w5d>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: COMO PENSAR EM JUVENTUDE, DEMOCRACIA, DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA SEM SE PREOCUPAR COM TAL QUESTÃO?¹

Otávio Luiz Machado

As juventudes tem sido um dos temas fortes nas nossas agendas de pesquisas e reflexões na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A educação é um dos instrumentos de diferenciação social, pois podemos considerá-la um canal de integração dos indivíduos na sociedade². O que se observa na realidade

¹ Algumas reflexões dos textos foram construídas a partir dos projetos de Pesquisa “Aspectos da Memória das Juventudes Pernambucanas: Novas Configurações e Transmutações (1973-1985)” (financiado pelo CNPq) e “Estudos Interdisciplinares sobre Juventude, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania” (Financiado pela Propesq-UFPE). O tema foi uma preocupação anterior ao início dos referidos projetos, mas é trazido aqui mais como uma instigação do que como resultados ou conclusões de pesquisas.

² A luta pelo acesso à educação é histórica no Brasil, embora “A escola oficial e pública, que na década de 40 foi objeto de duras lutas políticas para torná-la universal, passou a ser posta sob suspeita de ser agente da dominação. A escola estaria a serviço da reprodução da ordem social desigual vigente e da legitimação do Estado opressor e do estamento técnico-burocrático. Por causa disso projetos educacionais informais, conceituados como educação popular ou alternativa, tomaram conta da imaginação política dos intelectuais brasileiros” (ZALUAR, 1994, p. 30). A escola tem sido colocada em xeque segundo pesquisas ao não responder satisfatoriamente às expectativas imediatas dos jovens, mesmo sendo “considerada inadequada em parte porque não sabe responder às aspirações

brasileira é o aumento do ingresso dos jovens no ensino formal, com uma maior demanda por educação das camadas populares, embora também os índices elevados de repetência, de fracasso, de evasão ou de expulsão dos alunos possam ser considerados significativos (GOMES, 1997; LAHIRE, 1997; PAIVA, 1992; SOUZA e SILVA, 2003)³, além do analfabetismo juvenil no Brasil, que conta com cerca de meio milhão de jovens analfabetos, sendo 66% do total provenientes da Região Nordeste (SEJE, 2008)⁴.

Mas simultaneamente, também, o fenômeno social da violência tem atingido enormemente os jovens, pois dados divulgados em diversos estudos demonstram que a juventude é cada vez mais atingida pela violência, bem como o grupo que também mais pratica violência (SEJE, 2008; UNESCO, 2002; ZALUAR, 1992, 1993, 1994, 2004; ABRAMOVAY, 1998, 2001; WAISELFISZ, 2004)⁵. E a violência tem ocupado cada vez mais espaços em locais fundamentais para a socialização dos jovens, como é o caso da escola, o que permite considerar que um dos seus canais importantes de transição para a vida adulta também seja permeado pela violência (ABRAMOVAY e AVANCINI, 2003).

populares nem dialogar com suas várias linguagens, ou seja, porque inexistente, da parte do educador, o conhecimento e o respeito pela cultura do educando” (idem, p. 31).

³ O Brasil tem alcançado níveis significativos de matrículas na última década. Além da universalização e da meta da educação como “direito de todos”, a carta da Constituição de 1988 incluiu, além dos direitos políticos e civis, os direitos sociais (SCHWARTZMAN, 2004b). Apoiando-se nesse Documento, o debate atual sobre políticas públicas de juventude insiste na inclusão da juventude como sujeito de direitos.

⁴ **SEJE**: Secretaria de Juventude e Emprego do Estado de Pernambuco.

⁵ **UNESCO**: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura;

A violência escolar passou a ganhar visibilidade com a publicação e divulgação pela UNESCO em 2002 do documento *Violências nas Escolas* (ABRAMOVAY e RUA, 2002). É o que também diversos estudos acadêmicos ou produzidos por escolas, sindicatos de professores⁶ ou pelos órgãos públicos destacam mais recentemente, embora os dados vão além, ao apresentar especificamente o crescimento de agressões contra professores (as) nos seus mais diversos graus (CNTE, 2004; ABRAMOVAY, 2006; SINTEPE, 2006; SINPRO/RS, 2007; APEOESP, 2008)⁷. Os dados de uma pesquisa realizada pelo SINTEPE e publicada no Diário de Pernambuco revelam que 31% dos casos de violência escolar em Recife relaciona-se com a agressões praticadas pelos estudantes contra educadores (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/10/2008).

Com dados mais específicos sobre violência escolar na região metropolitana de Recife, Maria José de Oliveira Maciel em sua tese - produzida na área de Sociologia - analisou 186 escolas municipais e estaduais a partir de uma abordagem institucional, constatando que a violência faz parte da realidade das escolas e se manifesta de diversas formas. A autora partiu da hipótese de que existia “uma relação estatisticamente significativa entre grau de violência nas escolas e a adoção de medidas institucionais que repercutem na organização escolar das instituições públicas de ensino da atualidade” (OLIVEIRA MACIEL, 2004, p. 87), o que permitiu concluir que várias ações no próprio ambiente escolar tenderiam a diminuir a violência escolar.

Com tais indicadores que apresentam a baixa preocupação com a produção de estudos sobre os jovens que

⁶ Quando nos referirmos ao termo “professores” também abrangemos as profissionais do sexo feminino (“professoras”).

⁷ **CNTE:** Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação; **SINPRO/RS:** Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul; **SINTEPE:** Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco; **APEOESP:** Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo.

agredem professores, a relevância de uma pesquisa sobre o tema corporifica-se na análise da juventude na sociedade contemporânea, onde um cotidiano de violências nas escolas passou a ser associada a um comportamento de jovens marcados pela exclusão social. É preciso ir além da identificação da violência escolar, mas analisar o que pensam as diversas juventudes que freqüentam as nossas escolas, suas percepções sobre tais tipos de violências cotidianas e o diálogo desse discurso com as falas dos professores vitimizados. Com o estudo de Abramovay e Avancini (2003)⁸, quando se analisou as

⁸ Outra pesquisa apoiada pela UNESCO também pode nos fazer melhor pensar a questão, especificamente por meio da análise de três indicadores. Trata-se da “Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas” (Unesco, 2001). Um dos dados da pesquisa indicou que a proporção de alunos dos Ensinos Fundamental (5ª a 8ª) e Médio que presenciaram o uso de drogas dentro da escola em diversas capitais brasileiras (em 2000) foi a seguinte: em menor intensidade em Belém (15,7%); e maior em Florianópolis (35,1%). Em Recife constatou-se 22,1%. Questionados os alunos sobre relatos de violência sexual e/ou estupros no ambiente da escola, 5% dos estudantes do Pará, Ceará e Espírito Santo disseram saber algo a respeito, enquanto 12% no Mato Grosso. 6% de Pernambuco responderam positivamente sobre a ocorrência de violência sexual nas escolas. Noutra parte referiu-se ao “Uso e porte de armas”. Os alunos das capitais das Unidades da Federação, Quanto ao testemunho de porte de armas de fogo e de outras armas por alunos, professores ou pais no ambiente da escola, 18% dos estudantes do Distrito Federal e 9% da Amazônia e do Pará. As respostas dos alunos de Pernambuco foram de 12%. Quanto a outros tipos de armas (faca, Porrete, estilete etc.), 15% no Mato Grosso e 10% de Pernambuco presenciaram outros tipos de armas. A pesquisa conclui que “as armas, mesmo quando não acionadas, impõem respeito entre os jovens e simbolizam poder, status e masculinidade. A presença de qualquer tipo de

percepções dos diversos atores em escolas das diversas regiões brasileiras, foi possível traçar suas experiências, expectativas e perspectivas. O que chamou a atenção foram os mais diversos tipos de manifestação de violência nas escolas, tais como a física, a simbólica e o que as autoras chamaram de incivildades. Os dados foram analisados relacionando-os com realidade social de pobreza e exclusão social não só cercam as escolas, mas afeta enormemente o seu dia-a-dia. A pesquisa também identificou a violência sexual nas escolas, que “vão desde ‘brincadeiras’, que podem gerar constrangimento àqueles a que são dirigidas, até estupros” (*idem*).

Conforme dados preliminares da Pesquisa de Vitimização nas Escolas 2003, realizada pela UNESCO em escolas da rede pública de cinco capitais (Belém, Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo), 83,4% dos alunos entrevistados afirmaram existir violência na escola; 69,4% disseram sobre a ocorrência de furtos no ambiente escolar; cerca de 37% alegam ter sido furtados uma ou mais vezes. Além disso, 21,7% dizem já ter visto canivetes no ambiente escolar e 12,1%, revólveres (WERTHEIN, 2004).

Os dados conclusivos dessa pesquisa, publicados em 2006, apontaram que a direção da escola dificilmente tomou providências independentemente de quem fosse o alvo de violências nas escolas (aluno, professor ou outro adulto) (ABRAMOVAY, 2006, p. 166), levando-se em consideração que, no caso de ameaças de agressão física a professores pelos alunos, em sua maioria as motivações relacionam-se com o rendimento escolar ou em recusa da dinâmica cotidiana da escola.

É preciso considerar que

As ameaças são, muitas vezes, minimizadas e consideradas parte da comunicação entre os jovens,

armamento na escola aponta a banalização do uso de armas e a possibilidade de episódios de violência efetiva”.

sendo associadas a expressões verbais que não se concretizam necessariamente em agressão física. Contudo, no plano de uma ética de civilidade, em particular em ambiências escolares, elas merecem atenção singular. Há que também levar em conta que esse tipo de ocorrência pode ser um aviso, uma etapa pré-agressão física, sendo, portanto, um momento importante para intervenção dos adultos da escola. A importância das ameaças na vida social é também reconhecida, tanto que tipifica um delito sujeito à punição prevista no artigo 147 do Código Penal (idem, p. 145).

Mas um consenso entre os mais diversos autores é que a violência atinge significativamente os mais jovens⁹, seja na condição de vítima, seja na condição de autores, também considerando que são eles o grupo social mais identificado quando abordamos o tema da violência (ZALUAR, 1993; SPOSITO, 1994; CASTRO, 2001; ABRAMOVAY, 2004; NOVAES, 2006; DIÓGENES, 2008). O Brasil é o quinto colocado no ranking internacional em homicídios na população jovem. Rio de Janeiro, Pernambuco e Espírito Santo configuram-se como os estados mais violentos, cujos indicadores para as causas são multidimensionais¹⁰.

⁹ A violência escolar tem sido tratada em diversos estudos. É o caso da pesquisa da ONG inglesa Plan, que lançou recentemente a campanha mundial “Aprender Sem Medo”. Algumas conclusões foram: 84% dos cerca de 12 mil estudantes de seis estados pesquisados consideraram suas escolas violentas; 70% afirmaram ter sido vítimas de violência escolar; e um terço dos estudantes afirmou estar envolvido em *bullying*, como agressor ou como vítima.

¹⁰ Por exemplo, na década de 1980 foram assinadas 11,7 pessoas em cada 100 mil habitantes no País. Entre 1991 e 1998, houve um aumento da taxa de mortalidade por causas externas em todas as regiões do País exceto na região sul, com

Muitos autores ao explicar a violência a partir do espaço escolar sob a ótica da exclusão social consideram que a presença na escola não reduz a vulnerabilidade social de adolescentes e jovens que estão afastados do mercado de trabalho:

As desigualdades foram se aprofundando, mas havia mobilidade. Hoje, os jovens não possuem, em geral, condições melhores de trabalhos e de vida que seus pais. Os filhos dos pobres estão ficando mais pobres que os pais, os filhos dos ricos estão menos ricos que os pais. Não por acaso, a diminuição das possibilidades de mobilidade social gera pessimismo

acentuada mortalidade masculina (cinco vezes mais que a feminina), predominando os homicídios na região Norte, Nordeste e Sudeste. Em 1998 os Homicídios passaram a ocupar o primeiro lugar na região Centro-oeste (Organização Pan-Americana de Saúde, 2004). Em 2000, esse número chegou a 28,7, mostrando um aumento de 100% em relação à década anterior. Em 2004, foram assassinados 200 jovens por 100.000 habitantes, o que a Nações Unidas considerou um resultado de situação de guerra. As três capitais Brasileiras com os maiores índices de criminalidade foram: Rio de Janeiro, São Paulo e Recife (RIQUE, 2005). Em Pernambuco, as vítimas de homicídios que foram agredidas e mortas são jovens e significativamente do sexo masculino. “A faixa etária predominante foi a dos 20 a 29 anos (41% do total), seguida da dos 30 a 39 anos (21%). Os jovens de 15 a 19 anos constituíram 19% do total” (Pacto pela Vida, 2007). 83% das mortes masculinas ocorreram na faixa etária dos 15 aos 39 anos. Segundo dados do Ministério da Saúde divulgados no Plano Estadual de Juventude de Pernambuco (2008), a juventude - 15 a 29 anos de idade - é vítima de 47% das mortes violentas (lesões, acidentes, homicídios, entre outras) no Estado de Pernambuco.

e ausência de perspectiva em relação ao futuro (NOVAES, 2006, p. 108).

No Rio Grande do Sul, segundo o relatório do SINPRO (RS), 92,0% dos respondentes informaram já ter sofrido ou presenciado violência no ambiente de trabalho (Sinpro, jan. 2007). Dentre os fatos vivenciados pelos professores que trabalham na Grande Porto Alegre estão os seguintes: agressão física, agressão via *internet*, assédio sexual, relativização das agressões dos alunos e outras (idem, p. 5). Segundo pesquisa da Apeoesp sobre os professores da rede estadual que trabalham em Campinas, numa amostra de 580 entrevistados (num universo de 6.600 professores), 24% sofreram violência física, 43% já foi alvo de xingamentos, 30% sofreram humilhações, 20% foram vítimas de agressões verbais e 7%, de outros tipos de agressão, como intimidação. A pesquisa ainda perguntou sobre objetos pessoais danificados por alunos. A resposta foi a seguinte: 42% afirmaram que houve danos a seus carros, 30% citaram danos a livros, 8% a celulares e 20% mencionaram outros danos (FSP, 25/09/2008). Também foi divulgada uma pesquisa pelo Conselho Tutelar de Cariacica em escolas públicas das redes estadual e municipal de ensino, que constatou haver constatado violência contra professores na maioria delas (REDE GAZETA, 02/09/2007).

Em outros casos de violências contra professores estão envolvidos ex-alunos das escolas, como ocorreu em Recife com uma professora da Escola Estadual Vidal de Negreiros, que foi seqüestrada por quatro jovens que haviam estudado na escola. Em quase todos os casos de violências contra professores, nos seus mais diversos níveis, a grande dificuldade é a ausência de registros, levando-se em consideração que os dados geralmente não são notificados.

O debate sobre juventude tem tido marcado pela multiplicidade de visões, sendo a mais usual a que trata a categoria juventude a partir de um ciclo biológico e psicológico (faixa de idade, período de vida, mudanças psicológicas etc)

(ABRAMO, 1995, p. 1). Mas no campo da sociologia tem prevalecido a visão da juventude como categoria social (ABRAMO, 1994, 1995; GROPPPO, 2000; PAIS, 1999; SOUSA, 1999).

Assim, ao discutirmos juventude também analisamos a diferenciação das sociedades modernas, pois “a acentuada divisão de trabalho e a especialização econômica, a segregação da família das outras esferas institucionais e o aprofundamento das orientações universalistas agudizam a descontinuidade entre o mundo das crianças e o mundo adulto” (ABRAMO, 1994, p. 3).

Para a categoria juventude precisamos recorrer a noções como transitoriedade (período de preparação para a vida adulta), que está relacionada à idéia de *suspensão da vida social*, “dada principalmente pela necessidade de um período escolar prolongado, como um tempo para o treinamento da atuação futura” (ABRAMO, 1994, p. 12). Outra noção é a de individuação, na questão da identidade própria, de recusa de valores e normas considerados fundamentais pelos pais e a importância dos grupos de pares. Também poderíamos recorrer à noção de crise potencial, ou mesmo de socialização, porque

... o destaque do grupo de idade correspondente à adolescência, na sociedade moderna, aparece como fruto do desenvolvimento da sociedade industrial que, ao criar a disjunção entre a infância e a maturidade, tornou necessário um segundo processo de socialização. Esta consiste, fundamentalmente, na preparação dos jovens para a assunção dos papéis modernos relativos à profissão, ao casamento, à cidadania política etc, que os coloca diante da necessidade de enfrentar uma série de escolhas e decisões. Dessa maneira, por ocupar um status ambíguo, between and betwixt, os jovens constroem redes de relações particulares com seus companheiros de idade e de instituição, marcadas por uma forte afetividade, nas quais, pela similaridade de condição, processam juntos a busca de definição dos

novos referenciais de comportamento e de identidade exigidos por tais processos de mudança (ABRAMO, 1994, p. 17).

Ao tratarmos a noção de juventude - ao invés do seu caráter geracional e biológico - no aspecto histórico, social e cultural, trazemos o debate para a compreensão como “parte de grupos sociais e culturais específicos” (CARDOSO & SAMPAIO, 1995, p. 18.) Ou seja:

A juventude só pode ser entendida em sua especificidade, em termos de segmentos de grupos sociais mais amplos. Os jovens passam, assim, a ser vinculados a suas experiências concretas de vida e adjetivados de acordo com o lugar que ocupam na sociedade. Não se fala mais em juventude em abstrato, como uma espécie de energia potencial de mudanças, ainda que culturalmente construída, mas das múltiplas identidades que recortam a juventude (idem, p, 18).

A juventude geralmente foi enxergada como vivenciadoras de situações ditas de risco e dotadas de uma rebeldia típica da juventude. Não se consideravam alguns aspectos relacionados à família, à escolaridade e à situação de classe desde o seu início, pois abordagem dada pela Sociologia à juventude esteve inicialmente associada à desordem, conforme estudos realizados nos Estados Unidos pela chamada Escola de Chicago entre os anos 1920 e 1940¹¹. Tais estudos focaram os conflitos e as violências entre as gangues,

¹¹ Alguns dos estudantes produzidos pela Escola de Chicago foram: THRASHER, Frederick M. *The Gang*. Chicago: The University of Chicago Press, 1927; MCKAY, Henry e SHAW, Clifford R. *Juvenile Delinquency in urban areas*. Chicago: The University of Chicago Press, 1942; FIGLIO, Robert, SELLIN, Thorten e WOLFGANG, Marvin E. *Delinquency in a Birth Cohort*. Chicago: The University Press, 1972.

inicialmente (WASELFISZ, 1998; ABRAMOVAY, 2004; ZALUAR, 2004).

Para Abramovay (2004, p. 92-93), “a Escola de Chicago fornece os primeiros postulados de uma ‘sociologia da delinqüência juvenil’, referindo-se aos problemas de integração das microcomunidades, distanciadas das normas dominantes na sociedade”, pois seus interesses não estavam voltados ao tema juventude especificamente, mas no efeito do acelerado crescimento urbano, na ausência de integração nesses novos espaços sociais e no comportamento dos moradores dos locais em que surgiram rapidamente inúmeras gangues, organizações criminosas ou bandos com forte presença de jovens. Para Zaluar (2004), “pela primeira vez, falou-se das zonas ecológicas e dos territórios da cidade, e fez-se associação entre desorganização social e violência, zona de transição e criminalidade, violência urbana e juventude”. Por outro lado,

... esse aparecimento pela contraposição aos padrões dominantes é dado também pelos grupos delinqüentes ou ligados à criminalidade, compostos por jovens das “classes baixas”, que suscitam o tema do desvio no processo de integração dos jovens à vida social. Esse é o foco dos trabalhos realizados nos anos 20 e 30 pela Escola de Chicago, os quais constituem uma das primeiras e mais importantes séries de pesquisa sociológica sobre juventude. Esses pesquisadores, preocupados com os problemas decorrentes da desorganização social provocada pelo crescimento das metrópoles, voltam a atenção para os street gang boys, rapazes de bairros de imigrantes que vivem a maior parte de seu tempo nas ruas, fora dos espaços institucionais adequados à uma socialização “sadia”, e que acabam por desenvolver comportamentos “em desconformidade com as normas sociais”, muitas vezes inspirados ou

vinculados ao mundo da criminalidade (ABRAMO, 1994, p. 10).

Com um amplo leque de estudos abordando o desvio e da delinqüência juvenil inspirados nos estudos da Escola de Chicago¹², a Sociologia norte-americana focou no universo cultural da marginalidade e da criminalidade, cujo principal modelo teórico foi o de cunho funcionalista, que estudou os jovens em sua maioria de classes de baixa renda em condições sociais anômalas, sobretudo no pós Segunda Guerra Mundial. A Sociologia preocupava-se com as chamadas “subculturas juvenis”, pois alguns grupos juvenis marcados pelo desemprego e o consumo de drogas, como os membros das gangues, eram facilmente identificados como jovens “desviantes”.

Para analisarmos a violência juvenil nos espaços escolares das periferias da cidade de Recife, cremos que a perspectiva teórica ou conceitual da **Sociologia da Juventude que se orienta pela noção de culturas juvenis de José Machado Pais** será a mais factível para orientarmos a questão do ponto de vista da existência de diversas “juventudes” que se interagem no espaço escolar. Ao tratar o conceito de juventude visando se distanciar de uma homogeneidade e superando a noção como “transição para a vida adulta”, Pais considera que as vivências juvenis são múltiplas e relativiza a análise focada nas gerações, pois para ele cada jovem tem um percurso próprio onde os comportamentos e atitudes são vistos

¹² Com a publicação de *Delinquent boys* por Albert Cohen (1955) tal tradição é mantida, ao defender “a idéia de que os meninos da classe baixa trabalhadora que estão frustrados com sua situação de vida frequentemente se unem a subculturas delinqüentes, como gangues. Essas subculturas rejeitam os valores da classe média, substituindo-os por normas que celebram o desafio, tais como a delinqüência e outros atos de não-conformidade” (idem, 2005, p. 177).

dentro de relações sociais e de práticas sociais singulares (PAIS, 1993).

De acordo com Novaes (2006), Novaes e Vanucci (2004) e Velho (2006), para a compreensão da inserção do jovem no espaço social precisamos considerar as aproximações, as diferenças, as trajetórias etc. Estar ou não estar na escola implica em inclusão ou exclusão, mas certamente não se pode afirmar com precisão que a educação será um canal de mobilidade social para o conjunto da juventude, pois precarização do trabalho, o grau de vulnerabilidade e de estigma dos jovens oriundos das camadas populares dificulta a integração dos mesmos a oportunidades iguais usufruídas por outras juventudes.

Pais (1994) atribuiu aos jovens na contemporaneidade como membros de “geração yô-yô”, levando-se em consideração as idas e vindas dos jovens à escola, ao trabalho ou à casa dos pais, quando buscam construir formas próprias de sociabilidade e de ingresso ao mundo adulto. No tocante ao interesse pela escola, que pode ser entendido como espaço de inclusão social, Pais também tem suas restrições:

E já agora, por que muitos jovens faltam às aulas ou ficam satisfeitos quando os professores faltam? É porque encaram a escola como um espaço cerrado, estriado. Tantas vezes designadas como “culturas de margem”, o que estas culturas juvenis reclamam é inclusão, pertencimento, reconhecimento. Daí suas performatividades, que não por acaso se ritualizam nos domínios da vida cotidiana mais libertos dos constrangimentos institucionais - os do lazer e do lúdico (“espaços lisos”) (PAIS, 2007, p. 14-15):

Uma nova perspectiva surge quando a expressão da violência passa a ser reconhecida como forma alternativa de visibilidade, de reconhecimento e de ocupação do espaço urbano pelas mais diversas juventudes que são excluídas, porque a presença das gangues ou das galeras demonstram a

organização e a presença dos jovens nos mais diversos espaços sociais, o que também pode explicar o aumento do fenômeno social da violência:

A violência é uma certa modalidade disciplinada de auto-realização, de produção de si e de relacionamento. É uma modalidade de organizar a experiência da sociabilidade, ainda que cabe dissipando as condições mesmas da experiência de sociabilidade (SOARES, 2006, p. 126).

A questão da instituição escolar merece atenção, pois passou ser um novo espaço de segmentação e de elaboração das identidades e das relações solidárias necessárias à transição de uma faixa etária para outra, pois sua função “é a transmissão de conhecimentos e valores para o desempenho da vida futura, inclusive profissional” (ABRAMO, 1994, p. 3).

Ariès (2006) correlaciona condição juvenil à separação social imposta pela escola, o que nos permite pensar a construção social da juventude como problema surgido na sociedade moderna e intensamente ligado à educação:

É como um fenômeno da sociedade moderna, portanto, que a juventude emerge como tema para a sociologia. Na verdade, esta disciplina se interessa pela juventude na medida em que determinados setores juvenis parecem problematizar o processo de transmissão das normas sociais, ou seja, quando se tornam visíveis jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam estar submetidos (ABRAMO, 1994, p. 8).

Outro referencial a ser adotado é o da **Sociologia do Crime e da Violência**, quando o comportamento “desviante” passa a ser observado não mais a partir das motivações individuais e relacionadas às instituições, mas a partir de análises multidimensionais que tentam ir além do

comportamento “desviante”, indicando causas que possibilitam enxergar o “desvio” dentro de uma variedade de contextos sociais e culturais. E uma das teorias que poderá nos oferecer um referencial teórico para analisar as violências produzidas pelos estudantes contra professores será a interacional, sobretudo a Teoria da Rotulação de Howard Becker¹³. O desvio é visto a partir dessa teoria como um processo de interação entre desviantes e não-desviantes e não uma divisão entre os “normais” e os “desviantes”¹⁴, o que torna seu estudo um diferencial nos estudos criminológicos, pois quando consideramos que

... a proposição do modelo interacional é que o comportamento desviante ocorre em um processo interacional dinâmico. Desse modo, mais do que perceber a delinqüência como uma consequência de um conjunto de fatores e processos sociais, a perspectiva interacional procura entendê-la simultaneamente como causa e consequência de uma variedade de relações recíprocas desenvolvidas ao longo do tempo (CERQUEIRA e LOBÃO, p. 246-247).

Para Becker (1977, p. 53), todos os grupos sociais estabelecem regras sociais e esperam que sejam seguidas, levando-se em consideração que elas definem situações sociais e os diversos tipos de comportamentos pretensamente apropriados. Os indivíduos que não concordam com tais regras

¹³ As traduções da publicação original em português de Becker (1977) utilizaram os termos desviantes e marginais ao invés de *outsiders*, que foi considerada em Becker (2008).

¹⁴ Muitos estudos criminológicos produzidos do início até meados do século XX preocupavam-se em entender os desviantes dos não desviantes. Alguns desses autores são: LOMBROSO, HAKEEM, HEALY e GLUECK, 1918.

são vistos como marginais ou desviantes. Mas o autor analisa que

... a pessoa que recebe o rótulo de marginal pode ter uma visão diferente da questão. Ela pode não aceitar a regra em função da qual está sendo julgada e pode não considerar aqueles que a julgam como competente ou legitimamente autorizados para julgá-la. Conseqüentemente, surge um segundo significado do termo: a pessoa que quebra as regras pode sentir que seus juízes são desviantes (idem).

O autor considera desviante, portanto, o indivíduo que, permanecendo fora do círculo de membros “normais” do grupo, diferem das regras formais consideradas realmente apropriadas pela maioria das pessoas (*idem*, p. 65). Mas o importante da teoria de Becker é a consideração de que a definição de um ato desviante ou não desviante está relacionada à reação dos outros indivíduos, pois seu conceito de desvio a ser utilizado na pesquisa relaciona-se com as interações cotidianas e as construções dos “rótulos” a partir daí.

No caso da agressão contra os professores, então como pensar que alguns estudantes são levados a ameaçar e a agredir professores de diversas formas e outros não? A explicação preliminar de alguns estudantes jovens contatados são a baixa capacidade de punição (uma faixa deles são protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente), a desestruturação familiar e a incapacidade da escola de oferecer-lhes as condições que a família não provem ou mesmo a avaliação dos custos (são protegidos por gangues ou criminosos da áreas e assim pressionam os membros escolares a não acionar a polícia). Outras percepções de outros indivíduos também merecerão análises mais aprofundadas.

Além da Teoria da Rotulação, também é importante mencionar uma série de pesquisas brasileiras que também poderão nos dar suporte teórico. É o caso de Alba Zaluar

(1985), pois “com seu trabalho pioneiro baseado em pesquisas etnográficas em favelas e comunidades, verificou uma série de elementos que associariam o contexto social nessas comunidades aos fenômenos da violência e criminalidade, lançando luz sobre a questão” (CERQUEIRA e LOBÃO, p. 254).

Como tratamos de escolas localizadas em áreas limítrofes à concentração de pontos de convergência de uma estrutura de crime organizado, também é relevante perceber, como apontou Zaluar e Leal (2001, p. 153), o mesmo como uma instância de poder que afeta não apenas o cotidiano dos moradores dos bairros e favelas, mas que também afeta as relações entre professores e estudantes e entre estes e a própria escola, pois coloca em xeque um sistema de sociabilidades onde a escola teria sido o seu grande expoente. Para as autoras:

Os depoimentos e os dados apresentados ressaltam o confronto entre a violência física extramuros (na rua) e a violência intramuros, praticada na escola, demonstrando que as formas tradicionais de educação moral, até então presentes nas escolas públicas, não têm sido suficientes para impedir a invasão da escola pelos códigos e práticas que dominam as ruas das áreas pobres. O saldo desse confronto, que pode ser identificado nas estatísticas oficiais de mortalidade e nas violências as mais diversas cometidas contra a população jovem dessas áreas, sem registro, tem sido favorável aos responsáveis pela destruição de laços de civilidade e de vidas.

A pesquisa realizada pelas autoras vem demonstrar que a violência não está restrita a alguns espaços sociais pré-determinados, mas que faz parte de uma rede de relações que alcançam vários limites:

Os dados que apresentaremos revelam como a escola está tomada pela violência física

extramuros, gerando dificuldades para que se produzam os efeitos esperados pelos teóricos do poder simbólico. Além disso, a violência psicológica suposta em qualquer atividade pedagógica precisa ser melhor delimitada para que não se confunda a socialização necessária ao viver em grupo com o esmagamento e o silenciamento daqueles que deveriam estar sendo formados para se tornarem sujeitos com capacidade de argumentação na defesa de seus pontos de vista e interesse. Em que medida isso também acontece dentro do sistema escolar?

Também questionam a cidadania que deveria ser promovida pela escola, mas que a violência também reproduz o fracasso escolar:

A evasão aparece mais nos depoimentos de alunos do CIEP (22%) do que nos da escola de tempo parcial (12%). Nesta última, as razões mais apresentadas pelos estudantes para terem deixado de frequentá-la foram em ordem decrescente: os problemas decorrentes da mudança de moradia, a violência na escola e a necessidade de trabalhar. Para os alunos do CIEP, a ordem é diferente: primeiro, a violência na escola. São eles também que mencionaram a discriminação de aluno pobre e a violência no bairro como responsáveis por dificuldades na escola e no entorno, embora em percentuais baixos (5%).

Embora a violência esteja relacionada aos jovens pobres das periferias das cidades, como no caso de “gangues” e galeras e a diferenciação dos agrupamentos juvenis nesses locais, sua proliferação estão de alguma forma associadas à violência (DIÓGENES, 2008). Um fenômeno importante a considerar na violência urbana hoje é a existência de “gangues”, que utiliza-se da “prática de atos de transgressão e

violência juvenil a partir de arranjos associativos específicos, dotados de identidade própria” (ABRAMOVAY, 2004, p. 13). O comportamento “desviante” dos membros dessas “gangues” é considerado como ajustamento e contraste com a ordem estabelecida. Também precisamos observar tais grupos quando refletimos sobre a violência nas escolas.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMOVAY, Miriam. “Cultura, identidades e cidadania: experiências com adolescentes em situação de risco”. In: *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*, Brasília, CNPD, 1998, 2 vol.
- _____. (Coord.). *Escolas de paz*. Brasília: UNESCO e Governo do Estado do Rio de Janeiro/ Secretaria de Estado de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.
- _____. (Coord.). *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.
- _____. RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2004.
- _____. et al. *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- _____. et al. *Juventude, violência e Vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília: Unesco/BID, 2002.
- AQUINO, Júlio Groppa. *Confronto na sala de aula: leitura institucional da relação professor-aluno*. São Paulo: Summus, 1996.
- ARIÈS Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

- BAUER, Martin & GASKELL, Georg. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BECKER, Howard S. (1985) *Outsiders: studies in the Sociology of Deviance*. Nova York: The Free Press, 1966.
- _____. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- _____. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERGMANN, Leila Mury. “Não mate aula mate professores”: o orkut e a vida escolar. *Teias* (Rio de Janeiro), v. 8, p. 1-13, 2006.
- BRAIT, Beht (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 8ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. *I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Documentos conclusivos*. Brasília, 2008.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos. *Programa Nacional de Paz nas Escolas*. Brasília: SEDH, 1999.
- BRIOSCHI, Lucila Reis; TRIGO, Maria Helena Brito. “Interação e comunicação no processo de pesquisa”. *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*, textos 3, 2ª série, 1992, p. 30-41.
- CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade. A invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CANDAU, Vera Maria; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CARDOSO, Ruth & SAMPAIO, Helena (orgs.). *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: Edusp, 1995.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças; RIBEIRO ANDRADE, Eliane. *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília: UNESCO, 2001.

- CERQUEIRA, Daniel e LOBÃO, Waldir. Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos. *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 47, nº 2, 2004, p. 233-269.
- CHARLOT, Bernard. “Valores e normas da juventude contemporânea”. In: Lea Pinheiro Paixão & Nadir Zago. *Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 203-221.
- COELHO, E. C. A criminalidade urbana violenta. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, IUPERJ, 1988.
- COHEN, Albert K. *Delinquent boys: the culture of the gang*. New York: The Free Press, 1955.
- _____. *Deviance and control*. New Jersey, EUA: Prentice-Hall, 1966.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO (CNTE). *Pesquisa Retrato da Escola*. Brasília: CNTE, 2002. Consultada no Site: www.cnte.org.br
- CÔRREA, Déborah Maciel. *Avaliação de políticas públicas para a redução da violência escolar em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2007. (Dissertação de Mestrado).
- CORTI, Ana Paula; FREITAS, M. V. de; SPOSITO, M. P. *O encontro das culturas juvenis com a escola*. São Paulo: Ação Educativa: assessoria, pesquisa e informação, 2001.
- DAYRELL, Juarez. “A escola como espaço sociocultural”. In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1996.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. “Crianças de três escolas de Pernambuco e do Maranhão terão curso sobre seus direitos”. Recife, 12 de outubro de 2008. Consultado em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/nota.asp?materia=20081012162258&assunto=21&onde=Brasil>
- _____. “Professores protestam contra insegurança”. Recife, 24 de Outubro de 2008. Consultado em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/vidaurbana/nota.asp?materia=20081024081458&assunto=70&onde=Vida Urbana>

- DIÓGENES, G. *Cartografias da cultura e da violência. Gangues, galeras e o movimento hip-hop*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DURKHEIM, Emile. *A Educação Moral*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ERIKSON, Erick. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Trad. de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FOLHA DE PERNAMBUCO. “Agressão de ex-aluno deixa professor”, Recife, 27/02/2008.
- FOLHA DE S. PAULO. “Quando o medo faz escola”. São Paulo, 24/06/2001.
- _____. “Professor defende punição severa a aluno, diz pesquisa”. São Paulo, 25/09/2008.
- _____. “1 em cada 4 docentes estaduais de Campinas foi alvo de violência”. São Paulo, 25/09/2008.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in Etnometodology*. London: Englewood Cliffs, NJ, Pratic Hall, 1984.
- GASKELL, Georg. “Entrevistas individuais e grupais”. In: Martin Bauer e Georg Gaskel, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 64-89.
- GLUECK, Sheldon, and Eleanor Glueck. *Unraveling Delinquency*. Cambridge, MA: Harvard University, 1950.
- GOMES, Candido Alberto. *Dos valores proclamados aos valores vividos: traduzindo em atos, princípios das Nações Unidas e da Unesco para projetos escolares e políticas educacionais*. Brasília: UNESCO e Secretaria do Estado do Rio de Janeiro, 2001.
- GOMES, Jerusa. Vieira. “Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego”. *Juventude e contemporaneidade: Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5/6, p. 53-63, maio/ago.; set./dez. 1997.
- GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. *Pacto Pela Vida: Plano Estadual de Segurança Pública*. Recife, Pernambuco, 2007.

- _____. *Censo Escolar 2006*. Consultado no site: <http://www.educacao.pe.gov.br/>
- _____. *Plano Estadual de Juventude: Construindo um pacto pela juventude*. Recife: Secretaria Nacional de Juventude e Emprego, agosto de 2008.
- GROPPO, Luis Antônio. *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2005.
- GUIMARÃES, Áurea. *A depredação escolar e a dinâmica da violência*. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 1990. (Doutorado em Educação).
- GUIMARÃES, Eloisa. “Juventude (s) e periferia (s) urbanas”. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo. Números 5 e 6, 1997, p. 199-208.
- GUIMARÃES, Maria Eloísa (1992). “Cotidiano escolar e violência”. In: Alba Zaluar (org.) *Violência e Educação*. São Paulo, Livros do Tatu e Cortez Editora.
- JOAS, Hans. “Interacionismo Simbólico”. In: Anthony Giddens e J. Turner, *Teoria Social Hoje*, São Paulo, Unesp, 1996.
- JORNAL DO COMMERCIO. Professor agredido deixa escola. Recife, 06 de maio de 2006.
- _____. Professora é seqüestrada por ex-alunos. Recife, 23 de outubro de 2008, Capa.
- _____. Professora é levada de dentro da escola. Recife, 23 de outubro de 2008, caderno 1, p. 2.
- LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares*. São Paulo: Ática, 1997.
- LEAL, Maria Cristina e ZALUAR, Alba. “Violência extra e intramuros”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 16 nº 45 fevereiro/2001, p. 145-164.
- MACHADO, Otávio Luiz. *Formação Profissional, Ensino Superior e a Construção da Profissão do Engenheiro pelos Movimentos Estudantis de Engenharia: A Experiência a partir da Escola de Engenharia da Universidade Federal*

- de Pernambuco (1958-75). Recife: PPGS/UFPE, 2008 (Dissertação de Mestrado).
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MAGUIRE, Mike, MORGAN, Rod e REINER, Robert. *The Oxford Handbook of Criminology*. New York, Oxford Press, 2002.
- MARQUES, M. O. da S. “Escola noturna e jovens”. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5/6, p. 63-75, maio/ago.; set./dez. 1997.
- MATZA, *Delinquency and drift*. New York: John Wiley, 1964.
- _____. David. *Becoming Deviant*. Nova Jérícia: Prentice Hall, 1969.
- _____. “As tradições ocultas da juventude”. In: BRITO, Sulamita de. *Sociologia da Juventude III, a vida coletiva juvenil*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 81-106, 1968.
- _____. & SYKES, Gresham M. “Techniques of Neutralization: A Theory of Delinquency”. In: *American Sociological Review*, vol. 22, p. 664-670, 1957.
- MELUCCI, A. “Juventude, tempo e movimentos sociais”. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6. p.5-14 maio/ago. 1997.
- MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MINAYO, M. C. S. et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MYERS, Greg. “Análise da conversação e da fala”. In: Martin Bauer e Georg Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 271-292.
- NOVAES, Regina. “Os jovens hoje: contextos, diferenças e trajetórias”. In: MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 105-120.
- _____. & VANUCCI, Paulo (orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

- OLIVEIRA MACIEL, Maria José de. *Escuta, Galera! A violência nas escolas Públicas da Região Metropolitana do Recife*. Recife: PPGS/UFP, 2004. (Tese de Doutorado).
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- PAIS, José Machado. "A construção sociológica da juventude: alguns contributos". *Análise Sociológica*, v. 25, n. 105-106, 1990.
- _____. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- _____. "A geração yô-yô". *Dinâmicas multiculturais novas faces outros olhares*, actas de las sesiones temáticas del III Congreso Luso-Afro-Brasileño de Ciencias Sociales, Lisboa, 1994.
- _____. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Editora Âmbar, 2001.
- _____. "Prefácio- Busca de si: expressividades e identidades juvenis". In: MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-21.
- PAIVA, Vanilda (org.). *Perspectivas e dilemas da educação popular*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. Violência e pobreza: a educação dos pobres. In: ZALUAR, Alba (org.). *Violência e educação*. 1ª Ed. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992.
- PERALVA, Angelina. "O jovem como modelo cultural". *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6. São Paulo, p.15-24, maio/ago. 1997.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- PEREIRA LIMA, Rita de Cássia. "Sociologia do desvio e interacionismo". *Tempo Social, Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 13 (1), maio de 2001, p. 185-201.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE RECIFE. Secretaria da Educação da cidade do Recife. *Ações da Secretaria frente à*

- problemática da violência e drogas nas escolas: Recife, 1999.
- RIQUE, C. AGUIAR, E; LINS, J. A & BARROS, L., *A criminalidade no Recife: um problema de amplitude Nacional*. Recife: Gajop; Bagaço, 2005.
- RODRIGUES, Anita Schumann. *'Aqui não há violência': a escola silenciada - um estudo etnográfico*. Rio de Janeiro: PUC/Departamento de Educação, 1994 (Diss. de Mestrado).
- RUOTTI, Caren. *Os sentidos da violência escolar: uma perspectiva dos sujeitos*. São Paulo: Departamento de Sociologia da FFLCH, 2007 (Diss. de mestrado).
- SCHNAIDERMAN, Boris. "Bakhtin 40 graus (Uma experiência brasileira com a sua obra)". In: Beth Brait (org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 15-22.
- SCHWARTZMAN, Simon. *As Causas da Pobreza*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004a.
- _____. *Pobreza, Exclusão Social e Modernidade: Uma Introdução ao Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Augurium Editora, 2004b.
- SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: sociologia*. Organizado por Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. "A Metrópole e a vida mental". In: VELHO, Gilberto (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 11-25.
- SINDICATO DOS PROFESSORES DO RIO GRANDE DO SUL. *Pesquisa sobre a opinião dos professores filiados ao sindicato sobre a problemática da violência no ambiente de trabalho*. Porto Alegre: Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul (SINPRO/RS), 2007.
- SOARES, Luiz Eduardo. "O futuro como passado e o passado como futuro: armadilhas do pensamento cínico e política da esperança". In: Maria Isabel MENDES DE ALMEIDA e, Fernanda EUGÊNIO (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, 121-135.
- SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. *Reinvenções da Utopia: a*

- militância política nos anos 90*. São Paulo: Hacker, 1999.
- SPOSITO, Marília Pontes. “Violencia colectiva, jóvenes y educación”. México: Revista Mexicana de Sociología, n. 3, 1994.
- _____. “Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola”. In: Lea Pinheiro Paixão & Nadir Zago. *Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 19-43.
- _____. “A instituição escolar e a violência”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.º 104, 1998.
- SYKES, M e MATZA, David. “Techniques of Neutralization: A Theory of Delinquency”. *American Sociological Review*, n. 22, 1957.
- UNESCO BRASIL. *Pesquisa de Vitimização nas Escolas 2003*. Brasília: Unesco, 2003.
- _____. *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*. Brasília: UNESCO, 2001.
- _____. Instituto Ayrton Senna e Ministério da Justiça, 2002.
- VELHO, Gilberto (org.). (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979. _____. *Desvio e Divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- _____. VELHO, Gilberto. “Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade”. In: In: MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 192-200.
- VANDENBERGHE, Frédéric. *As Sociologias de Georg Simmel*. Tradução Marco Roberto Flaminio Peres. Bauru, SP: Edusc; Belém: EDUFPA, 2005.
- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1988.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. Brasília: Unesco, 1998.
- _____. *Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil*. Brasília: Instituto Ayrton Sena; Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2004.

- _____. *Mortes matadas por armas de fogo no Brasil, 1979-2003*. Brasília: Unesco, 2005. Consultado em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000103.pdf>
- _____. e MACIEL, Maria. *Revertendo violências, semeando futuros*. Brasília: UNESCO, 2003.
- WERTHEIN, Jorge. “Por uma escola de paz”. Folha de S. Paulo no dia 16 de setembro de 2004.
- ZAIDAN FILHO, M. Z Aidan Filho, M. . Violência, Sociabilidade e Escola Pública. Cadernos Municipal de Educação. 3 ed. Recife: Undime, 2003, v., p. 45-47.
- _____. Violência e sociedade civil,. Folha de Pernambuco, p. 5, 12 jul. 2003.
- _____. Palestra. Encontro Estadual da Ressocialização. A ressocialização enquanto proposta de enfrentamento da violência e a criminalidade . 2006.
- _____. Ética, Violência e Cultura. In: Isabel Cristina Martins Guillen; Maria Ângela de Faria Grillo. (Org.). Cultura, Cidadania e Violência. 2 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009, v., p. 9-13.
- ZALUAR, Alba. *Violência e educação*. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992.
- _____. “Teleguiados e chefes: juventude e crime”. In: RIZZINI, I. (Org.) *A criança no Brasil hoje*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- _____. *Cidadãos não vão ao Paraíso: Juventude e Política Social*. São Paulo: Escuta; Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- _____. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.
- _____. *Da revolta ao crime S.A.* São Paulo: Moderna, 1996.
- _____. “Violência e criminalidade: saída para os excluídos ou desafio para a democracia?”, in Sérgio MICELI, Sergio (org.), *O que ler para conhecer o Brasil*, vol. 1, São Paulo, Anpocs, 1999.
- _____. “Gangs, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência”. In: _____. *Integração perversa: pobreza e*

tráfico de drogas, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2004, p. 177-201.

ZUIN, Antônio. “Adoro odiar meu professor: o orkut, os alunos e a imagem dos mestres”. In: *29ª Reunião Anual da Anped*, 2006, Caxambú. Anais da 29ª Reunião Anual da Anped. Rio de Janeiro: Anped, 2006. v. 1. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-1670--Int.pdf>.